

EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA E E-LEARNING NA UNIVERSIDADE DO MINHO: ANÁLISE DAS PERCEPÇÕES, CONCEPÇÕES E PRÁTICAS DOCENTES DO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO

Maria João Gomes, Clara Coutinho, Fernando Guimarães, Maria José Casa-Nova, Susana Caires

Instituto de Educação – Universidade do Minho – Braga/Portugal

mjgomes@ie.uminho.pt, ccoutinho@ie.uminho.pt, fernandoguimaraes@ie.uminho.pt,

mjcasanova@ie.uminho.pt, caires@ie.uminho.pt

Resumo

Na base da realização deste estudo esteve a necessidade de se identificarem as percepções, concepções, práticas e necessidades de formação no domínio da Educação a Distância (EaD) e do e-learning ao nível dos docentes do Instituto de Educação da Universidade do Minho, no sentido de melhor se poder planear uma intervenção no domínio da sensibilização e formação na área da EaD e do e-learning.

Os dados foram recolhidos por intermédio de uma versão electrónica do questionário “Percepções, Práticas e Necessidades de Formação no Domínio da Educação a Distância e E-Learning”, um instrumento construído de raiz pelos autores. Responderam ao questionário um total de 70 docentes.

Neste texto apresentam-se e discutem-se parte dos dados recolhidos, nomeadamente os referentes às razões evocadas pelos docentes para usarem, ou não usarem, uma plataforma de e-learning, bem como razões referentes às vantagens e desvantagens dessa mesma utilização. Concluiu-se com algumas recomendações decorrentes da análise feita.

Palavras-chave: *Learning Management System*, e-learning, práticas docentes.

1. Considerações iniciais

A adopção sistemática de práticas de e-learning tem sido um objectivo de importância crescente nas políticas e estratégias de muitas instituições de ensino superior (IES) portuguesas, como indicia o facto de 86,6% das IES públicas utilizarem um *Learning Management System* (LMS), de acordo com dados referentes ao ano lectivo de 2009-2010 (Dias, 2010, p.135).

Ao longo da última década pudemos verificar que, frequentemente, as primeiras práticas de e-learning e de utilização de LMS nas IES, estiveram associadas a um número relativamente reduzido de docentes e assumiam um carácter inicial de alguma informalidade institucional e de opção pessoal (Gomes, 2008, s/p). Contudo, foi-se assistindo progressivamente ao surgimento de políticas institucionais mais formais no sentido de ampliar o recurso aos LMS e ao e-learning nas IES (*ibidem*). Este movimento no sentido da adopção institucional do e-learning por parte das IES é “(...) geralmente um processo de alguma complexidade e morosidade, que obriga a vencer múltiplas resistências e que coloca grandes desafios” (*ibidem*). Qualquer política de adopção institucional do e-learning deve considerar, entre outros factores, a

necessidade de mobilizar os docentes na sua implementação, uma vez que a sua adesão à mesma é determinante para a qualidade das actividades desenvolvidas neste domínio. É neste contexto que sentimos¹ a necessidade de realizar este estudo com o qual se pretendeu identificar percepções, concepções, práticas e necessidades de formação no domínio da Educação a Distância (EaD) e do e-learning ao nível dos docentes do IE-UM, no sentido de melhor se poder planear uma intervenção no domínio da sensibilização e formação na área da EaD e do e-learning.

2. Processo de recolha de dados

O estudo que se levou a cabo adoptou como técnica de recolha de dados o inquérito por questionário. O questionário “Práticas, percepções e necessidades de formação dos docentes do IE relativamente à Educação a Distância e e-Learning” foi concebido pelos autores e submetido a um processo da validação de conteúdo e de forma, para o qual se contou com a colaboração de vários docentes do IE.

Analisadas as observações e sugestões dos docentes que constituíram o painel de testagem do questionário, a versão final do mesmo foi implementada num serviço online disponível na Web (<http://pt.surveymonkey.com>) e divulgado junto dos docentes através de uma mensagem de correio electrónico enviada pelo Presidente do IE. Posteriormente, foram enviadas três mensagens, desfasadas no tempo, de apelo à participação no preenchimento do questionário.

O questionário manteve-se online, para preenchimento, do dia 10 ao dia 30 de Junho de 2010, sendo que as primeiras respostas ao mesmo foram registadas a 11 de Junho e as últimas a 26. De referir que se tratava de um questionário online em que a sequência de questões que eram apresentadas dependiam das respostas dos inquiridos às questões anteriores, existindo por isso um número global de questões que não era similar para todos os sujeitos, como se depreende da leitura das dimensões contidas no questionário e referidas abaixo. O questionário incluiu principalmente questões de resposta fechada mas também algumas questões de resposta aberta, sendo que algumas perguntas eram de resposta obrigatória e outras de resposta facultativa e organizou-se nas seguintes dimensões:

- i) Caracterização biográfica e profissional dos respondentes;
- ii) Identificação do uso ou não uso da plataforma institucional de e-learning da UM (Blackboard);
- iii) Práticas de utilização da plataforma Blackboard;
- iv) Razões para a utilização ou não utilização da plataforma Blackboard;
- v) Níveis de conhecimento das funcionalidades da plataforma Blackboard;

¹ Todos os autores deste texto integravam, à data de realização do estudo, o Grupo de Trabalho em Educação a Distância e e-learning (GT-EADEL) do Instituto de Educação (IE), da Universidade do Minho (UM).

- vi) Perspectivas sobre o nível de decisión e relevância institucional da adopção de uma plataforma Blackboard;
- vii) Percepções sobre potenciais vantagens e desvantagens da oferta formativa em educação a distância/e-learning;
- viii) Participação ou não participação em iniciativas de formação em e-learning e necessidades de formação;
- ix) Opiniões e sugestões referentes às funcionalidades existentes e desejadas da plataforma Blackboard.

O questionário incluiu ainda duas questões abertas onde se auscultava a disponibilidade dos docentes para partilharem as suas práticas de e-learning e para proporem iniciativas que considerassem que o IE deveria promover tendo em vista o reforço da intervenção no domínio do e-learning, bem como um espaço para sugestões de melhoria do próprio questionário.

Neste texto faremos a apresentação e discussão de parte dos dados recolhidos, nomeadamente os dados referentes às percepções sobre as razões para a utilização, ou não utilização, de uma plataforma de e-learning por parte dos docentes, bem como os dados relativos às suas percepções sobre potenciais vantagens e/ou desvantagens da oferta formativa em educação a distância/e-learning.

3. Constituição e caracterização da amostra

Para divulgação do questionário foi utilizada uma lista institucional de correio electrónico que inclui os endereços electrónicos de todos os docentes do IE. O universo do estudo era constituído por um total de 115 docentes.

Na tabela seguinte (Tabela 1) representa-se a distribuição dos docentes que integravam o universo do estudo pelos diversos Departamentos.

Tabela 1. Distribuição dos docentes pelos diferentes Departamentos no ano lectivo 2009/2010

Departamentos	N.º docentes		
	Carreira	Convidados	Total
Estudos Curriculares e Tecnologia Educativa	20	0	20
Estudos Integrados, Didáctica e Supervisão	39	0	39
Teoria da Educação, Educação Artística e Física	16	6	22
Psicologia da Educação e Educação Especial	11	0	11
Ciências Sociais da Educação	23	0	23
Total	109	6	115

Foram obtidas 70 respostas ao questionário, sendo que não foram considerados para efeito de análise dois questionários uma vez que apenas incluíam as respostas às questões sobre a idade e o sexo.

Considerando a amostra como coincidindo com o universo uma vez que o questionário foi enviado a todos os docentes, e sendo que o conjunto dos docentes do IE no ano lectivo 2009/2010 corresponde a um total de 115 sujeitos, os 70 questionários respondidos configuram uma taxa de retorno de 60,9%. Contudo, se considerarmos apenas os 68 questionários completos que foram analisados, as respostas em causa correspondem a 59,1% dos docentes que constituem o universo do estudo.

De modo a verificarmos a representatividade da amostra em termos dos diferentes Departamentos do IE, importa comparar o número de docentes de cada Departamento no ano lectivo de 2009/2010 (Tabela 1) com a distribuição do número de respondentes ao questionário pertencentes a cada um dos Departamentos (Tabela 2).

Tabela 2. Distribuição dos respondentes pelos diferentes Departamentos no ano lectivo 2009/2010

Departamentos	N.º docentes		
	Existentes	Respondentes	% de respostas por Departamento
Estudos Curriculares e Tecnologia Educativa	20	14	70%
Estudos Integrados, Didáctica e Supervisão	39	22	56%
Teoria da Educação, Educação Artística e Física	22	9	41%
Psicologia da Educação e Educação Especial	11	6	60%
Ciências Sociais da Educação	23	17	74%

A análise da percentagem de respondentes por Departamento indica algumas diferenças de representatividade dos diferentes Departamentos na amostra global de docentes do IE, com percentagens de respostas que variam entre 41% no Departamento de Teoria da Educação, Educação Artística e Física e 74% no Departamento de Ciências Sociais da Educação.

4. Apresentação e discussão dos dados

4.1. Caracterização biográfica e profissional da amostra

Os 68 docentes que constituíram a amostra situam-se predominantemente (45,6% – 31) na faixa etária dos 40 aos 49 anos de idade, tendo uma média de anos de carreira universitária enquanto docentes de 17,5 anos, sendo que, em média, leccionam na UM há 16,4 anos. Maioritariamente são docentes do sexo feminino (60,3% – 41 – respondentes), valor cerca de 7% acima da percentagem de mulheres no universo considerado, que se situa nos 53% (61 mulheres num total de 115 docentes). Os docentes entre os 40 e 59 anos de idade correspondem a 86,8% do total de respondentes.

4.2. Utilização, ou não utilização, de plataformas de e-learning

Um dos objectivos do questionário era identificar as práticas de e-learning dos docentes do IE, com particular ênfase nas actividades envolvendo a plataforma adoptada institucionalmente pela UM, ou seja a plataforma Blackboard.

Relativamente à questão quanto ao uso da plataforma de e-learning adoptada institucionalmente, 42,6% (29) dos respondentes referem não serem utilizadores da plataforma, valor que consideramos relativamente alto principalmente se considerarmos que as respostas conjuntas de “não utilização” e de “utilização mensal” correspondem a um total de 55,8% de não utilizadores ou utilizadores muito “esporádicos” da plataforma (Tabela 3). Um total de 36,7% (25) dos respondentes referem utilizar diariamente ou semanalmente a plataforma. A este valor acresce 7,4% (5) de sujeitos que afirma fazê-lo quinzenalmente tendo sido solicitado aos docentes que respondessem reportando-se apenas aos períodos lectivos.

Tabela 3 – Frequência de utilização da plataforma adoptada institucionalmente pela UM

Freq. de uso	Freq. absoluta	Freq. relativa
Não utilizo	29	42,6%
Utilizo diariamente	6	8,8%
Utilizo semanalmente	19	27,9%
Utilizo quinzenalmente	5	7,4%
Utilizo mensalmente	9	13,2%
N=68		

4.3. Razões para a utilização de plataformas de e-learning

Um dos aspectos que nos pareceu importante identificar foram as razões evocadas pelos docentes como estando na base do facto de utilizarem uma plataforma de e-learning. As respostas obtidas distribuíram-se pelas afirmações apresentadas no questionário, tendo surgido apenas uma outra razão (para além das formuladas como possibilidades de resposta) evocada por um docente, sendo referida explicitamente a utilização da plataforma “para promover processos de aprendizagem colaborativa online” (ver tabela 4).

Tabela 4 – Razões para a utilização de plataformas de e-learning

Razões para a utilização de plataformas de e-learning	Freq. Absoluta	Freq. Relativa
Pela facilidade de disponibilização de materiais aos alunos	32	82,1 %
Pela facilidade de comunicação com os alunos	16	41,0%
Pelo facto de haver alunos que não podem assistir a todas as aulas	15	38,5%
Por considerar que aumenta a autonomia dos alunos	12	30,8%
Por motivos ecológicos (economia de recursos ao nível de impressão)	10	25,6%
Por motivos de organização/comodidade pessoal	9	23,1%
Para diversificar estratégias e/ou recursos pedagógicos	9	23,1%
Por orientação institucional	6	15,4%
Por motivos de organização dos alunos	6	15,4%
Por sugestão/solicitação dos alunos	1	2,6%
Outro	1	2,6%
N=39		

As três razões mais apontadas para o uso da plataforma, por ordem decrescente de importância, foram: “pela facilidade de disponibilização de informação aos alunos” (para 82,1% - 32 dos respondentes), “pela facilidade de comunicação com os alunos” (41% - 16) e “pelo facto de haver alunos que não podem assistir às aulas” (38,5% - 15). Estas vantagens referidas pelos docentes revelam um foco dos mesmos no uso da plataforma em função da perspectiva do seu interesse e utilidade para os estudantes.

4.3. Razões para a não utilização de plataformas de e-learning

Quanto às razões que os docentes evocam para explicarem o facto de não usarem plataformas de e-learning, as respostas obtidas assinalam razões de entre as afirmações apresentadas no questionário (ver tabela 5) mas também um outro conjunto de razões que não estava inicialmente previsto.

A análise da tabela 5 permite destacar como a razão mais apontada para explicar o não uso de plataformas de e-learning “a falta de competências adequadas”, aspecto referenciado por 44,8% (13) dos respondentes, sendo que 13,8% (4) dos inquiridos referem não utilizar plataformas de e-learning “por não ter tempo para fazer formação na área”; 10,3% (3) “por desconhecimento” e 37,9% (11) indica a complexidade de uso da plataforma como razão. Considerando este conjunto de razões (que totaliza 31 respostas), resulta clara a falta de conhecimentos e de formação no domínio da utilização de plataformas de e-learning, o que aponta no sentido da necessidade de promover iniciativas de formação neste domínio, direccionadas para os docentes do IE.

Tabela 5 – Razões para a não utilização de plataformas de e-learning

Razões para a não utilização de plataformas de e-learning	Freq. Absoluta	Freq. Relativa
Por falta de competências adequadas	13	44,8%
Pela complexidade de uso da plataforma	11	37,9%
Por falta de tempo para organizar os materiais e actividades ao nível da plataforma	10	34,5%
Por tornar o contacto com os alunos mais impessoal	10	34,5%
Por considerar que torna a gestão do tempo do professor mais difícil	9	31,0%
Outro (especifique)	9	31,0%
Por não encontrar utilidade pedagógica para o seu uso	5	17,2%
Por considerar que exige mais trabalho por parte do professor	5	17,2%
Por não ter tempo para fazer formação na área	4	13,8%
Por desconhecimento	3	10,3%
Por utilizar outra plataforma de e-learning	3	10,3%
Por não querer disponibilizar online documentos/materiais da sua autoria	3	10,3%
Por possibilitar a não frequência das aulas pelos alunos	2	6,9%
N=29		

Um outro conjunto de razões evocadas pelos docentes prende-se com a “falta de tempo para organizar materiais e actividades ao nível da plataforma” 34,5% (10), aspecto que se junta à já referida falta de “tempo para fazer formação na área” 13,8% (4). Importa portanto ter presente que qualquer iniciativa que procure promover a adopção de práticas de e-learning junto dos docentes deve prever as dificuldades dos mesmos em dispôr de tempo, não só para a frequência de formação mas também para a implementação prática dos conhecimentos adquiridos.

Um número não despreciando de respondentes (34,5% - 10) indica como razão para a não utilização de uma plataforma de e-learning o facto de considerarem que isso torna, ou pode tornar, “...o contacto com os alunos mais impessoal” a que acresce um conjunto de referências que indica como razão para a não utilização o facto de “possibilitar a não frequência das aulas pelos alunos” (6,9% - 2). Um outro aspecto que nos parece de destacar é o facto de 17,2% (5) “...não encontrar utilidade pedagógica para o seu uso”.

Tratando-se de um questionário que pretendia “conhecer e caracterizar práticas, percepções e necessidades de formação dos docentes do IE relativamente à Educação a Distância e e-Learning” o importante é identificar as razões do “não uso” da plataforma deixando de fora, no contexto deste texto, a discussão da fundamentação ou do carácter impressionista destas razões. Contudo, considerámos que as razões evocadas e que acabamos de referir, apontam no sentido da necessidade de organizar oportunidades de debate e formação em torno da problemática do e-learning do ponto de vista pedagógico, incluindo aspectos comunicacionais e de socialização.

Uma razão de uma outra natureza é o facto de 10,3% (3) dos docentes indicar que não utiliza a plataforma por “não querer disponibilizar online documentos/materiais da sua autoria”, aspecto que pode ter por base diversas motivações e que eventualmente poderá ter associado alguns aspectos no campo dos direitos de autor, o que sugere a relevância de criar situações de apoio ao esclarecimento ou formação relativamente a esta problemática.

Algumas das razões evocadas já referidas, voltam a surgir nas referências redigidas pelos docentes, quando assinalam a opção “Outras...” razões. Assim, surgem novas referências a aspectos relacionados com as abordagens pedagógicas incluindo questões de “comunicação”. Surgem também referências à inadequação do uso da plataforma no contexto das Unidades Curriculares (UCs) em causa, ao uso de outros serviços que no entender dos docentes substituem o uso dos LMS ou à sua não utilização por questões de gestão de esforço.

Parece-nos também de realçar o reconhecimento dos docentes de que o e-learning pode ser “importante para os trabalhadores-estudantes” e que é uma “alternativa vantajosa relativamente à oferta de formação em modalidade pós-laboral”. A concordância elevada dos docentes com estes aspectos parece-nos particularmente interessante considerando o perfil actual da população estudantil do ensino superior.

Um aspecto que resulta bem claro da leitura dos dados é o facto de 68,2% (45) dos docentes concordarem, ou concordarem totalmente com a afirmação “a adopção de práticas de e-learning implica um acréscimo de trabalho para os professores” aspecto importante a considerar em qualquer esforço de mobilização dos docentes no sentido da promoção de práticas de e-learning.

4.4. Vantagens associadas à oferta formativa em modalidade de educação a distância/e-learning

Um dos aspectos sobre o qual nos pareceu importante inquirir os docentes foi relativamente às suas opiniões quanto às vantagens e desvantagens/problemas que consideram poder estar associadas à oferta formativa na modalidade de educação a distância/e-learning. As respostas obtidas (tratava-se de duas questões abertas) foram objecto de uma análise de conteúdo a partir da qual foram construídas categorias analíticas tipificadoras do conteúdo dessas mesmas respostas (ver tabela 6)

Tabela 6 – Vantagens da oferta formativa na modalidade de EaD/e-learning na percepção dos docentes

Categorias	Nº de referências
Acesso a novos públicos	20
Facilitação das tarefas docentes	14
Flexibilização do tempo de aprendizagem	13
Melhoria da comunicação e interação discente/docente	10
Maior autonomia dos estudantes	9
Diversificação/flexibilização da oferta formativa	5
Repensar práticas pedagógicas	5
Diminuição de custos	5
Individualização do ensino	4
Vantagens competitivas face a outras instituições	3
Imagem institucional	3
Desenvolvimento de novas competências	3
Flexibilidade de acesso à informação	3

No que concerne às vantagens da oferta formativa na modalidade de EaD/e-learning, as categorias que congregaram um maior número de ocorrências foram as categorias “acesso a novos públicos”, com vinte ocorrências, seguida da categoria “facilitação das tarefas docentes”, com catorze ocorrências e da categoria “flexibilização do tempo de aprendizagem”, com treze ocorrências.

No que respeita ao acesso a novos públicos, as respostas dos docentes associam várias razões a essa vantagem entre as quais a ampliação da abrangência geográfica do potencial público-alvo, incluindo a dimensão da internacionalização desse público, a possibilidade de se atingirem públicos entre aqueles para quem existe a impossibilidade de conciliar estudos presenciais com actividades profissionais ou que simplesmente preferem uma modalidade de educação não presencial. Note-se que, de acordo com os dados obtidos, entre as razões mais evocadas para utilizarem plataformas de e-learning, os docentes apontavam o “facto de haver alunos que não podem assistir a todas as aulas” (quinze referências – 38,5% dos respondentes).

Quanto à categoria “facilitação das tarefas docentes” a maioria das referências reporta-se a maior facilidade no armazenamento, disponibilização e organização de documentos pedagógicos dirigidos aos alunos, embora surjam também algumas referências pontuais a aspectos como “utilização de recursos de detecção de plágios” (uma referência) “agilização do lado mais ‘administrativo’ do processo pedagógico, uma referência reportando-se a funcionalidades como “pautas” e “avaliações”.

A categoria “flexibilização do tempo de aprendizagem” é muito homogénea nas referências registadas que destacam o facto de os estudantes poderem gerir os períodos de aprendizagem de acordo com as suas disponibilidades e desejos.

Com dez ocorrências aparece a categoria “melhoria da comunicação discente/docente” e, com nove ocorrências, a categoria “maior autonomia dos estudantes”, sendo que relativamente à primeira destas categorias há particular reforço na ideia da maior celeridade ao nível da comunicação docente/discente e, relativamente à “maior autonomia dos estudantes”, verifica-se uma ênfase na questão da maior autonomia como estando associada à capacidade de auto-regulação do processo de aprendizagem por parte dos estudantes. Lembra-se que, quando inquiridos sobre as razões pelas quais utilizam plataformas de e-learning, 30,8% (12) dos docentes referiram “considerar que aumenta a autonomia do aluno”.

Com cinco ocorrências temos as categorias “diversificação/flexibilização da oferta formativa”, “repensar de práticas pedagógicas” e “diminuição de custos”. A primeira destas três categorias tem um foco na instituição, na medida em que é esta que passa a ter o potencial, na perspectiva dos docentes, de diversificar e flexibilizar a oferta formativa. No que se refere ao “repensar das práticas pedagógicas”, regista-se claramente a percepção de que a adopção do e-learning por parte do docente o obriga a reflectir e repensar as suas práticas de ensino. Quanto à diminuição dos custos, as referências dos docentes são genéricas, não sendo possível identificar se o foco está na instituição, nos docentes, nos estudantes ou em diferentes combinações destas possibilidades.

Algumas das vantagens do e-learning enquanto modalidade de educação a distância aqui enunciadas foram também referidas por alguns autores: Gutierrez e Prieto (1994), Preti (1996) e Santos (2000), nomeadamente as relativas à maior autonomia, à diversificação do público pela maior abrangência da oferta e à diminuição de custos. Por seu turno, outros autores, nomeadamente Figueira (2003) refere ainda como vantagens ser um sistema disponível a qualquer hora e em qualquer local, a facilidade do sistema em termos de gestão e a optimização do tempo do formador.

4.5. Desvantagens e problemas associados à oferta formativa em modalidade de educação a distância/e-learning

Questionamos também os docentes sobre as desvantagens/problemas que encontram na existência de oferta formativa em modalidade de EaD/e-learning (ver tabela 7).

A leitura dos dados da tabela 7 permite concluir que, relativamente às desvantagens/problemas da oferta formativa na modalidade de EaD/e-learning, as duas categorias que se destacam pelo maior número de ocorrências são a “desvalorização do presencial e interacção professor/aluno”, com vinte e duas ocorrências e a categoria “acréscimo de tempo dispendido pelos docentes”, com quinze ocorrências. O número

relativamente elevado de referências a estas duas categorias é de destacar por revelar percepções que podem condicionar bastante a vontade dos professores no que concerne à adopção de práticas de e-learning.

Tabela 7 – Desvantagens/problemas da oferta formativa na modalidade de EaD/e-learning

Categorias	Nº de refs.
Desvalorização do presencial e interacção prof-aluno	22
Acréscimo de tempo dispendido pelos docentes	15
Reduzida literacia informática de professores e alunos	9
Ausência de socialização no ambiente universitário	9
Prejuízo da qualidade das aprendizagens	4
Dificuldade em controlar o trabalho individual dos alunos	4
Ausência de apoio na produção/disponibilização de conteúdos	3
Desadequação a certas UC	3
Exigência de maior responsabilidade por parte do aluno	3
Oferta formativa apenas disponível aos detentores de recursos tecnológicos	3
Perda da singularidade do aluno	3
Necessidade de estabelecimento de novas formas de organização institucional	2
Necessidade de novo paradigma educacional	2

Importa ainda referir que, embora no que concerne às vantagens do e-learning os docentes foquem a facilidade e celeridade de comunicação entre docentes e discentes, como atrás referenciamos, também apontam o e-learning como tendo a “desvantagem” de desvalorizar a comunicação e a interacção entre docentes e discente “em presença”, sendo a categoria – desvalorização do presencial e interacção professor/aluno – a que regista maior número de ocorrências. Preocupação similar é também registada por Figueira (2003).

Destacam-se ainda as categorias “reduzida literacia informática de professores e alunos” e “ausência de socialização no ambiente universitário” por parte dos alunos, com nove referências cada. A primeira destas categorias reporta-se a um aspecto que consideramos menos relevante na medida em pode ser ultrapassado, até por própria iniciativa dos sujeitos em causa. Contudo, importa ter presente que, de acordo com os dados, 44,8% dos docentes (13) aponta como razão para a não utilização de plataformas de e-learning a “falta de competências adequadas” e 37,9% (11) indica como razão a “complexidade de uso da plataforma”, aspectos que se prendem com a questão da literacia informática.

A problemática de ausência de socialização no ambiente universitário, configura-se como um ponto a exigir maior reflexão na medida em que poderá ser associado de forma mais concreta à questão da educação a distância e do e-learning. Lembra-se que, de acordo com os dados anteriores, 34,5% (10) dos docentes

apontam como razão para a não utilização de plataformas de e-learning, o considerarem que “torna o contacto com os alunos mais impessoal”.

Categorias com menor expressão numérica mas que consideramos significativas em termos de conteúdo e, conseqüentemente, em termos de reflexão, dizem respeito ao “prejuízo da qualidade das aprendizagens” e “dificuldade em controlar o trabalho individual dos alunos”, ambas com quatro ocorrências. Trata-se de duas categorias que se prendem com preocupações de carácter pedagógico dos docentes e sobre as quais se torna necessário promover o debate no sentido de perceber as razões subjacentes a estas percepções.

5. Considerações finais

Não tendo, na altura da elaboração do inquérito por questionário, sentido a necessidade de solicitarmos a justificação das respostas dadas, a análise das mesmas foi reveladora desta lacuna. Com efeito, a simples enumeração das vantagens e desvantagens/problemas, bem como as relativas às razões para o uso, ou não uso, de LMS, sendo importantes para equacionar a oferta deste tipo de formação, não permite explorar as motivações dos respondentes quanto ao tipo de resposta fornecida, diminuindo a riqueza da análise e impedindo uma compreensão mais completa das referidas motivações. No entanto, e apesar deste constrangimento, consideramos que as respostas fornecidas pelos respondentes, professores do Instituto de Educação da Universidade do Minho, constituem-se em dimensões de análise fundamentais para o desenho de estratégias de intervenção que permitam mobilizar um maior número de docentes para a utilização dos LMS e do e-learning, correspondendo às diversas iniciativas e deliberações que nesse sentido têm sido tomadas a diversos níveis decisórios da UM. Nesse sentido, partindo da análise de dados que apresentámos neste texto, concluímos o mesmo apresentando algumas das iniciativas que entendemos necessário levar a cabo:

- À data de recolha dos dados a que nos reportamos, 42,6% dos docentes que responderam ao mesmo identificaram-se como não utilizadores da plataforma.
 - Estes dados apontam claramente no sentido da necessidade de sensibilizar os docentes para o potencial do e-learning quer em contexto de apoio ao ensino presencial, quer em contexto de educação a distância em e-learning ou b-learning.
- As razões mais frequentemente evocadas pelos docentes para recorrerem ao uso da plataforma revelam um reconhecimento da parte dos mesmos do seu interesse e utilidade para os estudantes.
 - Estes dados sugerem a relevância de um maior conhecimento das perspectivas dos alunos relativamente ao e-learning no sentido de promover a discussão e reflexão dos docentes sobre essa temática, procurando aproximar as suas perspectivas das perspectivas dos alunos, aos quais se dirigem as nossas práticas de ensino.

- A razão mais evocada para o não uso da plataforma por parte dos docentes reporta-se à falta de conhecimentos/formação que permitam a sua utilização.
 - Este dado torna clara a necessidade de promover formação neste domínio.
- A referência à falta de tempo para formação ou para disponibilizar materiais na plataforma é também uma das razões mais evocadas para o não uso da mesma.
 - Este dado torna clara a necessidade de abordar nas formações estratégias de rentabilização do tempo e esforço e de sensibilização para o facto de o investimento adicional de tempo poder ser rentabilizado com uma utilização sistemática e continuada da plataforma ao longo do tempo.
 - Importa também aqui lembrar que a função dos professores universitários consiste em investigar, produzir conhecimento e ensinar, o que aponta para a probabilidade de existência de disponibilidade temporal e psicológica para tarefas de carácter burocrático e burocratizante ser bastante reduzida, apontando para a necessidade de várias destas tarefas serem realizadas por técnicos, reduzindo assim parte significativa da resistência e/ou indiferença ao seu uso e contribuindo para a disseminação do ensino a distância e e-learning.
- Existe um número não despreciable de docentes que apontam razões de natureza pedagógica para não recorrerem ao e-learning.
 - Este facto sugere a necessidade de incluir uma dimensão pedagógica nas actividades de formação (como aliás é indicado por alguns dos docentes) bem como a promoção de momentos de debate da temática entre docentes com percepções diferentes bem como a apresentação e discussão de casos de “boas práticas” no domínio.
 - Sugere também a necessidade de auscultar os estudantes no sentido de perceber se as percepções destes são ou não coincidentes com as percepções dos docentes. Esta auscultação está a ser levada a cabo, permitindo uma compreensão mais global da problemática em causa.

Como reflexão final, gostaríamos de referir que importa aprofundar e reflectir sobre as razões subjacentes à resistência e/ou indiferença ao uso da Blackboard e/ou do ensino a distância e e-learning por parte dos docentes, integrando esta reflexão nas formas e conteúdos de disseminação das práticas de e-learning.

6. Referências

- Gutierrez, F. & Prieto, D. (1994). *A Mediação Pedagógica - Educação à Distância Alternativa*. Campinas, Papirus.
- Preti, O. (Org.) (1996). Educação a distância: uma prática mediadora e mediatizada. In *Educação a distância: inícios e indícios de um percurso*. Cuiabá: UFMT.

Santos, A. (2000) *Ensino a distância e Tecnologias de Informação – e-learning*. Ed. Lidel

Figueira, M (2003). *O Valor do E-Learning*. Porto: Sociedade Portuguesa de Inovação.

Dias, A. J. B., (2010). *Proposta de um Modelo de Avaliação das Actividades de Ensino Online – Um Estudo do Ensino Superior Português*. Aveiro: Universidade de Aveiro. (Dissertação de Doutoramento policopiada).

Gomes, M. J. (2008). Reflexões sobre a adopção institucional do e-learning: Novos desafios, novas oportunidades. In *Revista e-Curriculum*, vol.3 (2), Junho de 2007, ISSN 1809 – 3876. [Disponível também em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/8073>]